

Compulsões contemporâneas

Francisco Bosco

Entre os dias 9 e 16 do mês corrente, deu-se a II Semana dos Realizadores, com curadoria de Lis Kogan e Eduardo Valente, apresentando a produção do que vem sendo chamado de Novíssimo Cinema Brasileiro. Com um espírito desavisado, de curiosidade, fui a uma sessão que reunia um curta, "Fantasmas", de André Oliveira, e um documentário, "Pacific", de Marcelo Pedroso. O curta é muito bom, mas é sobre "Pacific" que quero escrever. Desculpem-me os leitores por mais uma coluna talvez impopular, já que poucos terão visto o filme ou poderão vê-lo logo após a leitura do que segue. Mas o filme é instigante, merece ser repercutido e toca em questões fundamentais do nosso tempo.

"Pacific" é um filme de montagem, em sentido estrito. Ele é composto de imagens feitas, em caráter privado, por turistas num cruzeiro entre Recife e Fernando de Noronha. A equipe de "Pacific" (que é o nome do navio onde se passa quase todo o filme) só estabeleceu contato com os passageiros que se filmavam ao fim da viagem, quando solicitou o material para fazer, a partir dele, um documentário. Desses poucos elementos, uma vez montados, ressaem muitas questões.

O cruzeiro reúne passageiros de classe média baixa. É o povo brasileiro da era Lula, com seu poder aquisitivo ampliado, podendo viajar para um destino turístico de elite. Aqui começamos a perceber um conjunto impressionante — e, para mim, deprimente — de sintomas culturais. Em primeiro lugar, a compulsão por filmar a viagem. O material filmado não revela um olhar atento a excepcionidades ou agindo de modo inventivo. Filma-se a banalidade, sem transfigurá-la por qualquer operação. Filmar aparece assim como uma demonstração — contundente, por seu caráter imaculado de material espontâneo — de um processo cultural onipresente. Esse processo é a confusão entre ser e ser visto, traço decisivo do capitalismo espetacularizado. Em "Pacífic", não nos enganemos, a compulsão por exhibir-se é tornada caricata por sua ingenuidade *kitsch*, mas não permite que se escarneça dela como se nada tivesse a ver "conosco". Ela é um sintoma que nos atinge a todos, em maior ou menor grau: o que o filósofo alemão Christoph Türcke, em uma teoria da sociedade de notável exatidão, chama de "compulsão à emissão".

Com efeito, fomos tomados por um "horror vacui", que faz com que tenhamos que estar todo o tempo ocupados, e que sintamos nossa existência real como insuficiente: é necessário emitir, mandar e-mails, disparar SMS, postar recados no Facebook etc. É uma sociedade de viciados, que precisa de doses, cada vez maiores, de exibição e emissão. "Pacífic" torna essa

percepção mais aguda pelo estatuto espontâneo das imagens, pela vulgaridade do código cultural de que elas participam (o *kitsch*, transfigurado em *trash* pelo olhar metalinguístico de um código cultural "superior"), e também pela ironia aguda que faz coabitarem a compulsão desenfreada pelo eu e pela alegria estrondosa no contexto de uma viagem em pleno oceano, sobre infinito e silencioso azul. Assim, em alto mar, a imensidão e o silêncio são excluídos das imagens. "Pacific", enquanto título, é uma pérola irônica.

Portanto não é só da vulgaridade *kitsch* e da compulsão exibicionista que vem certa melancolia do filme. A tristeza assoma sobretudo da alegria compulsiva e compulsória a bordo do navio. Aqui não se pode saber o quanto isso é efeito (deliberado ou não) da montagem. O fato é que na grande maioria das cenas as pessoas se mostram "felizes". Um homem participa de uma competição grotesca de tomar cerveja no canudinho de cabeça pra baixo; um senhor se mexe como um autômato no meio de uma coreografia de macarena; dezenas de pessoas dançam frenéticas numa festa temática. Ora, não há alegria sem intervalos. A alegria é uma excepcionalidade. Freud, numa conhecida passagem de "O mal-estar na civilização", escreveu: "O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como manifestação episódica". A alegria compulsiva se mostra uma tentativa de recalcar, ao menos da imagem filmada, o tédio. Na cena mais forte do filme, essa operação se revela insustentável. Um rapaz está filmando suas duas tias, de meia-idade, isoladas, desanimadas, à margem da "festa tropical". Elas, a princípio, não se percebem filmadas. O rapaz comenta, em off: "Aqui estão minhas duas tias, morgadas, sem saber o que fazer". Então a câmera se aproxima das tias, uma delas a percebe, e desanda a falar animadamente: "Estamos aqui, uma da manhã, na festa tropical!", ao que o rapaz, com desconcertante crueldade, interrompe: "Eu acabei de falar que vocês estavam aí morgadas, sem nada pra fazer". O meio-riso amarelo na boca da tia contém a chave que abre o filme inteiro.

Estarei eu sendo muito duro? Tradicionalmente, a representação do povo pelas classes mais altas (econômica ou socialmente), no Brasil, é ou crítico-revolucionária, ou terna, ou identificadora de virtudes perdidas pelo processo neurótico, digo, civilizatório. Em "Pacific", a meu ver, não. O povo é objeto (de certo modo, sujeito, já que são eles que se filmam) de olhar zombeteiro. O que isso, se for verdade, revela sobre o Brasil de hoje? Maturidade? Desagregação? Seja como for, uma coisa é certa: o povo do Pacific divide conosco os mesmos sintomas. ■